

## Editorial



## Inquietações

.....

*Prof. Dr. Marco Antonio Guimarães da Silva*

*“O pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades” e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados”.* O trecho em itálico que acabo de selecionar é parte de uma entrevista sobre a leitura do pensar na obra de Foucault, dada por Gilles Deleuze a Didier Eribon e publicada no *Le Nouvel Observateur* em agosto de 1986. Um pensar que para Foucault é poder, não o poder cujas relações de força estejam reduzidas à violência, mas um poder de ações sobre ações para incitar, induzir.

Mas por que evocar Deleuze e Foucault em um editorial para a fisioterapia? Tentarei justificar-me levantando alguns temores que me são trazidos por meus alunos de pós-graduação, em três contextos diferentes, aparentemente desconexos.

Primeiro contexto: ao terminar seus cursos de graduação, nas diversas áreas de conhecimento, o que mais assombra os jovens é, sem dúvida, o desemprego. O mercado, ao menos nos grandes centros, tem-se mostrado incapaz de equilibrar a relação oferta/demanda. Na área da fisioterapia, ainda se pode obter uma excelente colocação se o candidato possui doutorado, uma boa colocação para os que têm mestrado, uma razoável colocação para os especialistas; já para os só graduados... Bem, o consolo é que existem exceções.

Segundo contexto: um vice-reitor de uma universidade, em uma conversa informal, me pergunta o que pode fazer para melhorar o curso de graduação em fisioterapia da sua instituição. Um bom começo, digo-lhe, seria fazer com que o curso de fisioterapia fosse em horário integral, sem períodos noturnos, reduzindo-se o número de vagas. Alguma coisa parecida com a medicina e odontologia, que, mesmo quando em universidades privadas, conseguiram permanecer como cursos integrais diurnos e uma quantidade de alunos relativamente dentro do desejável.

Terceiro contexto: um fisioterapeuta visita um paciente, faz a sua avaliação e programa um tratamento por um valor x. O paciente opta por um outro fisioterapeuta que acaba cobrando 1/3 do que cobrou o seu colega e, portanto, muito abaixo do recomendado pelo mercado.

Os contextos acima descritos se relacionam intimamente. Todos eles nos conduzem à conclusão de que as instituições de ensino, pondo nas ruas uma quantidade de profissionais muito além da esperada e, salvo exceções, com formação aquém da desejada, acabam por promover um desequilíbrio entre

\* Editor científico de *Fisioterapia Brasil*  
Pós Doutorado na UFRJ  
Professor de mestrado recomendado  
pela CAPES

oferta e demanda. Já os dois últimos contextos deixam claro que as ações da instituição educacional e do fisioterapeuta não seriam aprovadas pelo conjunto de regras facultativas que normalmente avaliam o que fazemos e que se costuma chamar de ética. Alegariam alguns que o instinto de sobrevivência profissional acaba levando o fisioterapeuta a desconsiderar o estabelecido por convenção e a aceitar honorários indignos.

Já disse, em outra ocasião, que estamos assistindo a um progresso considerável na área acadêmica, com a criação de cursos de mestrado e doutorado que deverão aumentar a nossa massa crítica. Entretanto, no presente momento, tal grupo é, pela sua própria natureza, incapaz de equacionar os problemas levantados.

É hora de propormos algumas questões, retomando, portanto, o início do editorial: como tomar alguma posição diante do quadro que se nos apresenta? Estamos realmente enxergando o que acontece ou apenas vemos as coisas, sem elevar os olhos para o que Foucault chama de *visibilidades*? É possível usar o pensamento como estratégia, como poder de ação que reflita os anseios dos 60.000 fisioterapeutas do país? Responda, você. Mas tenho a certeza de que quaisquer que sejam as suas respostas, elas lhe trarão algumas inquietações, que talvez possam ser as precursoras de novos tempos na fisioterapia.

.....